

CONFERÊNCIA



O RENASCIMENTO NA ALEMANHA (*).

ERWIN THEODOR

Professor de Língua e Literatura Alemã da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

Nada mais arbitrário do que determinar a cesura entre a Idade Média e a Época Moderna ou estabelecer o período do “renascimento”. É comum a inclusão, em tal período, de vultos como Petrarca, Boccaccio, van Eyck e Michelangelo, mas por outro lado, será válido incluir Dante e Giotto? E, por outro lado, devemos considerar “renascentistas” homens como Molière ou Shakespeare? O eminente Johan Huizinga, discutindo esta questão em *Were der Kulturgeschichte*, acha que uma transformação em profundidade só se registra de fato a partir do século dezoito e aceita a idéia do surgimento da era moderna apenas como começando no iluminismo. Em geral, contudo, atribui-se ao século doze a divisão decisiva (o que se aplica pelo menos à Itália), época em que a moeda recomeça a circular livremente, influenciando assim a economia popular, e quando as cidades novas e a nova burguesia começam a manifestar-se. Jacob Burckhardt, na sua *Cultura do Renascimento na Itália*, ressalta a presença de caracteres naturalistas como específica da época, julgando como o fator mais importante de todo o período a “descoberta do mundo e do indivíduo”. Mas aqui já inicialmente, ao mesmo tempo que frizamos o fato tantas vezes esquecido de Burckhardt procurar apresentar apenas o Renascimento na Itália, é forçoso lembrar também que o naturalismo puro e simples na arte não foi um traço especificamente renascentista, mas sim o caráter científico e metódico de que êsse naturalismo se revestia. Da mesma maneira podemos afirmar que nem a observação e nem a análise da realidade existente ultrapassavam a concepção medievalista, mas sim a consciência e extrema coerência com que as manifestações da realidade são registradas e observadas. Êste caráter nôvo do naturalismo faz, por exemplo, com que representações de arte deixem de ser símbolos ape-

(*) — Conferência realizada na Sociedade de Estudos Históricos em 2 de outubro de 1969 (Nota da Redação).

nas, vindo a ter sentido e valor individuais, na medida em que são encaradas como transposições de realidades do mundo palpável, e não mais como imagens simbólicas de valores transcendentais. Assim, a meta do artista passa a ser a representação do mundo dos sentidos, mas não é lícito falar do Renascimento como da época em que a “natureza foi descoberta”, chavão próprio do liberalismo do século passado, que desta forma pretendia, em primeiro lugar, atingir o movimento romântico.

Se em Burckhardt lemos que a “descoberta do mundo e do indivíduo” foi devida ao Renascimento, devemos considerar esta frase um ataque à reação romântica e uma defesa contra a “propaganda” que esta fazia da Idade Média. Assim percebemos que a doutrina da espontaneidade do naturalismo na era renascentista procede dos mesmos meios dos quais surgiram as afirmações de que a luta contra o espírito autoritário e hierárquico, assim como os próprios ideais da liberdade do pensamento e a emancipação do indivíduo, seriam conquistas do século quinze. Em toda parte procuraram êles contrastar violentamente a luz da era moderna com a escuridão medieval. Já Jules Michelet, no sétimo volume de sua *Histoire de la France* (1855) utiliza o chavão da *découverte du monde et de l'homme*. Enfileira Rabelais, Montaigne, Shakespeare e Cervantes juntamente com Colombo, Copérnico, Lutero e Calvino, encara o Renascimento como o início daquela fase de evolução histórica que leva à vitória as idéias de liberdade e razão e, antes de mais nada, preocupa-se em estabelecer uma espécie de “árvore genealógica” do liberalismo. Até hoje sente-se a influência desses ensinamentos, tendendo-se a encarar o Renascimento como o movimento libertador da razão e o triunfo do espírito individual, quando em verdade a idéia da “personalidade”, dos anseios individuais não era estranha à Idade-Média, que apenas desconhecia o “individualismo” como programa definido. E’ verdade que no Renascimento surgem as figuras dos líderes empolgantes, que correspondem a tal visão (os *condottiere* e os tiranos) mas valeria a pena examinar se êstes tiveram, na forma em que chegaram até nós, uma existência real ou se apenas são reminiscências da leitura clássica dos humanistas. E’ que nessa maneira de considerar os grandes “indivíduos” da época, o amoralismo e o esteticismo se fundem de forma a lembrar antes a psicologia do século dezenove do que o Renascimento, tal como hoje é revelado, já que a contemplação das principais obras artísticas renascentistas leva à conclusão de ter-se tratado de época sóbria, objetiva e muito pouco romântica.

Eis algumas observações de ordem geral, que certamente não constituem novidade nenhuma para os participantes do Curso do Renascimento, oferecido pela Sociedade de Estudos Históricos. Entretanto justificam-se, porque o problema em pauta é o comportamento alemão no Renascimento, assunto extremamente com-

plicado, já que inexistiu na Alemanha uma manifestação realmente paralela. Existe o “humanismo” na sua forma alemã, que é antes um “nascimento” intelectual do que um “renascimento” natural; surge o impacto da Reforma, manifestação esta que poderíamos considerar especificamente alemã, mas que, a nosso vêr, não se enquadra bem no assunto proposto. Sendo assim, queremos focalizar a historiografia alemã dos séculos quinze e dezesseis e, em seguida, dar uma visão do humanismo literário. A historiografia distingue-se exatamente pelas características atrás mencionadas: pode ser verificada a consciencialização progressiva e a análise mais ou menos científica de fenômenos antes observados desordenadamente.

A primeira indagação prende-se ao momento, a partir do qual será possível falar da historiografia, no sentido moderno. A resposta já é uma demonstração da indissolubilidade dos liames que ligam esta ciência específica à história do pensamento e, ao mesmo tempo, obriga a uma tomada de posição na discussão em torno da periodização da história. Entre a conquista de Constantinopla e a afixação das teses de Lutero (1517) novas fôrças projetam-se em todos os campos. A unidade católico-romana do Ocidente é minada pela Reforma, e o norte da Europa, em sua grande parte protestante, principia a revelar traços pronunciadamente divergentes.

O mundo vem a tornar-se cada vez mais orientado pe'a e para a Europa, e tôdas as suas conquistas vão de mãos dadas com um processo de transformação espiritual, sendo mesmo possível argumentar que a revolução no terreno do espírito precedeu de fato às transformações de caráter político-econômicas. Desde o florescimento e a culminância da época medieval tomaram impulso movimentos de renovação religiosa, de orientação mais ou menos fanática, registrando-se também um “movimento cultural”, de inspiração religiosa, que atingia boa parte das classes abastadas, resultando no desenvolvimento das artes, típico do Humanismo e do Renascimento. E' exagêro reconhecido afirmar-se que a própria essência do Humanismo e do Renascimento não é senão o resultado do encôntro do Ocidente Cristão com a Antigüidade Clássica, redescoberta em estudos literários e achados artísticos, mas é lícito opinar que êste encôntro resultou em um nôvo capítulo na biografia do homem europeu, que passou por profunda transformação em seu modo de pensar e sentir.

Na Idade Média todos os desejos, esperanças e anelos encontravam-se fixos no Além, mas na Renascença procura-se captar o mundo real, palpável, e o processo de individualização progride cada vez mais. A ânsia de autonomia individual e comunitária supera o universalismo teocrático e hierárquico, sem dirigir-se, contudo, contra a Igreja ou o Cristianismo. A secularização caminha a passos largos e a emancipação do domínio da teologia verifica-se a olhos vistos. Ao mesmo tempo porém (ou exatamente por isso?) tem início o que

poderíamos chamar a síntese do humanismo cristão, reunindo aspectos os mais diversificados desse grande movimento.

A historiografia humanista é um reflexo de tôdas essas transformações. Alguns dos historiadores foram de pronto atingidos pelo processo de renovação, dominados pela secularização do pensamento. Impregnaram seus trabalhos dessa nova acepção da vida e da realidade tangível. Tornam-se mais raras as referências às relações transcendentais, diminuem de importância as histórias dos milagres e, em sua obra, empalidece cada vez mais o horizonte escatológico. Sociologicamente liga-se a esta renovação o incremento em número e importância dos historiadores leigos. Mas não devemos esquecer que, apesar de tudo isto, a historiografia continua, nos inícios do Humanismo, ainda em mãos eclesiásticas. Siegismund *Meisterlin*, um de seus representantes mais destacados, falecido por volta de 1488, era monge de um convento de Augsburgo. Escreveu a *Chronographia Augustensium* (a descrição da história de Augusta Vindelicorum, nome que os romanos deram a Augsburgo). O suíço Feliz *Fabri* era monge dominicano, faleceu por volta de 1490 e escreveu a história de sua segunda viagem à Terra Santa (1483) na obra *Evagatorium*. Nesses trabalhos encontram-se descrições históricas a respeito da Suábia e da cidade de Ulm, sendo aqui marcado o início da historiografia humanista alemã. Outro historiador destacado foi Johannes *Trithemius* (1462-1516), um abade beneditino e representante préeminente da corrente humanista de sua época. A obra que deixou é muito extensa, e vai desde trabalhos lexicográficos até a história de ordens religiosas, desde trabalhos literários até tratados de astrologia. Ele deixou imbuir-se do espírito renascentista italiano ao escrever a história do Convento de Sponheim e os Anais de Hirsau, com a utilização de amplo material bibliográfico e uma procura intensa de fontes.

Assim a “Era das Descobertas” não se verifica apenas dirigida para fóra, na procura de terras novas pelos navegadores, mas também para dentro, pesquisando os humanistas as fontes e tentando descobrir um acêrvo sempre renovado. Trithemius, também neste particular verdadeiro espírito renascentista, não é apenas um descobridor de fontes reais da história alemã, mas pertence também aos “aventureiros” neste campo, conforme é comprovado por suas falsificações históricas *Hunibald* e *Meginfried*, graças às quais cerra fileiras entre os impostores da matéria. Aliás vale a pena mencionar aqui que a falsificação, sacramentada com o sêlo dos humanistas, se tornara uma espécie de tradição aceita, principalmente depois de *Viterbo* ter dado a lume o chamado “falso Beroso”. É típico desse espírito que se reserve vasto campo à imaginação extraordinariamente fértil dos humanistas, e as referências anedóticas, assim como as adulterações conscientes de textos encontrados, invencionices etimológicas e argu-

mentações genealógicas, que realmente pertencem ao terreno da fábula, não constituem nada de extraordinário. Inexiste em geral o menor senso crítico e as informações provenientes dos manuscritos antigos são aceitas sem qualquer reserva. Antigos autores pagãos obtêm uma influência que quase poderia ser chamada de canônica e, com o tempo, chegam na Alemanha a desempenhar papel quase idêntico os humanistas italianos, considerados os “preceptores ideais”.

Esta dependência de modelos estrangeiros, antigos e italianos, aumenta na medida em que já não se estuda exclusivamente ou com especial empenho a história do torrão pátrio, mas se começa a penetrar pelo vasto campo da história universal. Assim serviram de modelo à *Crônica Universal* do médico de Nurembergue, Hartmann Schedel (1440-95), diversas obras do fim da Idade Média. Só o seu *Liber Chronicarum* conseguiu alcançar elevações humanistas, e isto através de empréstimos evidentes de Aeneas Sylvius. Um progresso na crônica histórica verifica-se depois com Johann Verge, chamado Nauclerus (falecido em 1516), chanceler da Universidade de Tubinga, que escreveu a chamada *Crônica do preceptor dos Príncipes*. Não descobriu quaisquer fontes novas, mas estudou as fontes antigas e comparou-as cientificamente, escrevendo o que se tornaria conhecido como “a primeira história crítica da Alemanha”. Ressaltam por seu valor intrínseco os ensinamentos que Nauclerus hauriu de fontes antigas, a respeito das origens germânicas de seu povo. A procedência das tribos germânicas, a origem de seus nomes, a religião e a cultura desses povos, assim como a história e a importância da chamada “migração dos povos” (Invasão dos Bárbaros) são questões que este historiador humanista examinou com detido cuidado. Das fontes que encontrou, deduziu a sua idéia de uma Europa germanizada. Vem a acreditar firmemente na teoria de que a renovação do Ocidente, verificada durante a Invasão dos Bárbaros, se deveu à influência de tribos germânicas. Tem início assim na tradição escrita o “germanismo” humanista que, por sua vez, deveria dar origem às correntes pan-germânicas que, em certo sentido, se conservaram até fins dos primeiros meados deste século. Entretanto cabe ressaltar que Nauclerus não era animado dos sentimentos anti-romanos, anti-eclesiásticos e anti-latinos que viriam a distinguir diversos dos seus seguidores. Pelo contrário, é de destacar o fato de o professor e chanceler de Tubinga, que relata a história alemã do ponto de vista dos suábios, evitar cuidadosamente a polêmica e o partidarismo.

Corrente de historiadores com pronunciados traços individualizantes formou-se na Alsácia. Existem duas fortes razões para explicar esta diversidade: em primeiro lugar, porque professavam uma religiosidade mais profunda, expressa naquilo que se chamava a *devotio moderna* e, depois, por tratar-se de região limítrofe, cujos contactos com os humanistas suíços e, principalmente, com os ita-

lianos eram muito mais freqüentes do que no resto do país. Também as riquezas culturais francesas os influenciaram, mas por outro lado determina-os também a contínua ameaça política da França. O representante mais característico da escola alsaciana foi o clérigo patriótico, professor Jakob *Wimpfeling* (que viveu de 1450 a 1528), formado pela então famosa Escola de Schlettstadt e profundamente influenciado pelo humanismo de Heidelberg. *Wimpfeling* interessava-se principalmente pelos acontecimentos da atualidade política, o que explica a forma polêmica de seus escritos. Surge na sua obra aquilo que podemos considerar os primeiros indícios daquilo que mais tarde viria a ser conhecido como a discussão histórica a respeito do direito das nacionalidades e das fronteiras. Encarava já então como dever preeminente a defesa das origens germânicas da Alsácia contra os opositores francófilos e franceses. Argumentando nesta linha tenta provar a origem germânica de Carlos Magno e as realizações culturais específicas da Nação Alemã. Esses impulsos patrióticos levaram *Wimpfeling* à publicação dos *Epitoma Rerum Germanicarum*, em 1505, obra em que modifica os textos originais de um historiador *Murrho*, de Schlettstadt, e que constitui a primeira tentativa consciente de redigir uma *História da Alemanha*, empreendimento bastante revelador dos seus intentos nacionalistas. Observa-se, ademais, na própria obra a maneira orgulhosa e carinhosa com que é encarado o germanismo primitivo, o desenvolvimento da história alemã como história imperial e como são frizadas as idéias fundamentais do Império e as realizações de Carlos Magno.

A evolução da historiografia humanista alemã verifica-se em toda a sua plenitude durante os anos em que o Império é dirigido pelo Imperador Maximiliano I, já que o soberano habsburgo adquire notoriedade também como promotor, protetor e divulgador de trabalhos eruditos. A ânsia de maiores conhecimentos históricos, o profundo interesse pelos problemas de sua época e, antes de mais nada, o cuidadoso desvêlo e empêno pela grandeza e honra da própria Casa dos Habsburgos determinavam os seus interesses e, assim, entre os trabalhos realizado na sua Côrte, dominavam a biografia e a genealogia. Surgiram os especialistas em assuntos genealógicos, entre os quais tem de ser citada a personalidade brilhante do médico e diplomata Johannes *Cuspinianus* (1473-1529). Este humanista, também destacado no campo da historiografia, legou à posteridade uma coletânea de trabalhos sobre a história política da época, intitulada *Caesares*. Em *Cuspinianus* revela-se outra vez um traço que já se tornara habitual em outros defensores da idéia imperial: a combinação expressa de simpatias demonstradas pelos *Staufer*, pelos ghibelinos, com convicções habsburguenses. Sendo assim, devem os *Caesares*, em que são retratados os imperadores do Sacro Império até o próprio Maximiliano I, ser encarados como importante contribuição

da historiografia à política dinástica da Casa da Áustria. Daí por diante vêm os *Kaiserbücher*, os “livros dos Imperadores”, a constituir como que um gênero à parte da historiografia humanista alemã. Entre os escritores que cultivam êsse gênero merecem menção especial o escrivão augsburguense, Konrad *Peutinger* (1465-1547) e o rico burguês de Nuremberge, Willibald *Pirckheimer* (1470-1530).

Antes de concuir esta parte é necessário que seja dado ênfase aos três mais destacados historiadores da época: *Rhenanus*, *Aventinus* e *Vadianus*. Se o humanismo alemão atingia, na sua concepção geral, a posição mais destacada tanto no que respeita à formação cultural quanto no que diz respeito à repercussão universal na figura de Erasmo de Rotterdam, não é de espantar que exatamente o mais crítico e perspicaz dos pesquisadores da época, Beatus *Rhenanus* (1486-1547) tenha sido amigo pessoal do grande filólogo e filósofo, pertencendo ao que se convencionou chamar a “escola de Erasmo”. Natural da Alsácia, foi educado em Schlettstadt. Mudou-se mais tarde para Basileia, onde veio a ser discípulo de Erasmo, que — pouco a pouco — o consideraria confidente e amigo. Nêsse ambiente começou Rhenanus a estudar e a preocupar-se com assuntos históricos, preferindo aquêles que estivessem ligados a interêsses alemães. Escreveu um comentário à *Germânia* de Tácito (1519), afirmando ali que os autôres da *prisca antiquitas* deveriam ser interpretados pelos autôres da *media antiquitas*. Procura o caminho justo da interpretação histórica dos fenômenos que distinguem o seu país e se detém especialmente na análise da evolução da Germânia de tradição romana à Alemanha, posterior à Invasão dos Bárbaros. No ano de 1531, após pacientes e cuidadosas pesquisas, resolve publicar os *Rerum Germanicarum libri tres*, em que se encontram (e são utilizadas) tôdas as fontes que haviam sido descobertas até então para a interpretação da história da Migração do Povos e da época da Francônia. Comparando-se esta obra com os trabalhos de Nauclerus ou de Wimpfeling, percebe-se o enorme progresso, alcançado no processo de coleta, eliminação, observação e combinação de dados. A partir de Rhenanus passam a ter existência os fundamentos para uma investigação científica dos inícios da história alemã. Também êste humanista participava do entusiasmo patriótico geral, mas tal sentimento era indiscutivelmente superado pelo interêsse manifestado em favor da pesquisa científica. Apesar disso lhe coube criar no seu país algo que imitasse a famosa *Italia Illustrata* de Flávio Biondo (1388-1463) e, juntamente com Konrad *Celtis* iniciou a redação e compilação de uma *Germania Illustrata*, que entretanto continuou fragmento até que o cosmógrafo Sebastian *Münster* (1489-1552) se dispuzesse a

realizá-la, baseando-se especialmente na *Germânia* de Tácito, redes coberta pelo humanista florentino Poggio (1380-1459).

O bávaro Johannes *Aventinus* (1477-1534), empenhado em escrever a história de toda a Bavária, teria sido o homem indicado para contribuir a parte bávara à *Germania Illustrata* e a este respeito existe significativa correspondência entre ele e Beatus Rhenanus. Entretanto, o projetado “livro bávaro”, que deveria participar dessa publicação não foi jamais escrito, mas mesmo assim coube a *Aventinus*, através de outras publicações, o mérito de introduzir a história de sua região no campo mais vasto da história alemã. Membro de uma família abastada, obtivera Johann Thurmair, que se conferiu o nome latino de acôrdo com a sua querida cidade natal Abensberg, sólida formação humanista. Viajou e conheceu muitas terras, variados povos e diversas universidades. Estudou em Ingolstadt, Viena, Cracóvia e Paris, e dedicou-se com empenho à sua formação nas letras e na teologia. Já adquirira celebridade como conhecedor das artes e cientista, quando a Côrte do Ducado da Bavária o nomeou preceptor dos príncipes, cabendo ao Duque promovê-lo, depois de concluídas as tarefas de preceptor, a “historiógrafo oficial”. A partir de então, entretanto, vem *Aventinus* a demonstrar simpatias pelos ensinamentos de Lutero, sendo assim desterrado da Bavária, tradicional e ferrenhamente católica, vindo a terminar a sua vida na Cidade Imperial de Regensburgo. Sua obra principal data de 1522. São os *Annales Ducun Baioariae*, resultantes de ingentes pesquisas.

Em círculo mais acanhado do que *Aventinus* viveu e trabalhou Joachim von Watt, chamado *Vadianus*. Representa com extrema minúcia o seu rincão, o que fundamenta a fama e a significação da obra histórica dêste poeta, médico o burgomestre suiço. Viveu entre 1484 e 1551 e estudou em Viena, tendo como professôres Celtis e Cuspinianus. O imperador coroou-o *poetas laureatus*, e êle exerceu a docência universitária *in humanioribus*, tendo retornado em 1518 a São Gall. De 1526 até a sua morte, 25 anos depois, foi prefeito da tradicional comunidade, onde introduziu a nova religião, opondo-se à influência do famoso Mosteiro. Escreveu a *Grande Crônica dos Abades de São Gall*, tentando tratar cientificamente dessa história de uma “organização política”, conforme a vê. Sua posição como protestante e representante de uma burguesia progressista tornava desnecessários certos cuidados, que tradicionalmente se devotavam ao mosterio e à sua evolução. Erudito, conciso e bastante objetivo na consideração das suas fontes (e, assim, opôsto à historiografia confessional, por motivos óbvios apaixonada), fundamentava-se no protestantismo de Erasmo e conseguiu ligar em sua obra o passado local ao passado da Alemanha como tal. Merece, por tudo isso, menção como o mais moderno dos historiôgrafos humanistas.

Deixemos agora as realizações específicas do humanismo historiográfico. Vejamos como o estilo parabólico e, ao mesmo tempo, didático (e por vezes bizarro) da época influenciou as artes e, especialmente, a literatura alemã. Se a historiografia encontrava seus centros fortes entre os alsacianos e os bávaros, foi a região das cidades imperiais, Viena e Praga, além de Nuremberga, cenário do mais importante desenvolvimento artístico da época. A fim de considerar este humanismo alemão em sua proporção própria, devemos realmente lembrar-nos dos pintores alemães desse período. Depois do desenvolvimento de uma chamada “escola naturalista” nos Países-Baixos, sob a orientação dos irmãos Hubert e Jan van Eyck, surgiu o grande Leonardo da Vinci (falecido em 1519), e esses inspiraram os grandes representantes alemães da pintura dessa época: Albrecht Dürer (f. 1528) e Hans Holbein, o Jovem (f. 1541). Nuremberga, alcançou a sua elevada fama não apenas através das pinturas religiosas e da sobras mais populares (principalmente xilogravuras de Dürer), mas também graças aos desenhos delicados de Veit Stoss e as esculturas de Adam Krafft. Juntamente com Dürer e Holbein representavam esses artistas o que havia de melhor no campo da pintura e escultura na época. É forçoso reconhecer, aliás, que a literatura alemã do Renascimento nunca chegou a um nível que se comparasse às artes plásticas. Em sua maioria imitava apenas os modelos italianos e poucas vezes chegou a atingir alguma ressonância entre as massas.

A literatura humanista procedia do sul do país. Por volta de 1450 o funcionário municipal Nikolaus von Wyle começou a traduzir obras diversas dos humanistas italianos, trabalho tornado mais perfeito com adaptações de Heinrich Steinhöwel, de Ulm, e Albrecht von Eyb, de Bamberg. Todos esses pioneiros do humanismo alemão provinham da sociedade urbana, sendo aí também que tem início um imenso fluxo de obras humanistas, cujo período áureo se estende de 1500 a 1525. Essas obras, entretanto, vieram a expressar um sentido novo da vida, uma concepção de *humanitas*, tal como deduzida das obras de Platão e Cícero. Assim como os historiógrafos, rejeitavam os autores literários a Igreja como detentora exclusiva (ou pelo menos suprema) da sabedoria. Se, na Idade Média, a Igreja ditara mesmo as normas seguidas pela política imperial (com evidentes exceções, como no caso dos últimos gibelinos (Henrique e Frederico) e do único Imperador guelfo (Otto IV), ela agora já não conseguia submeter os espíritos independentes. Eram, acima de tudo, as ciências que se distanciavam da Igreja Católica, não permitindo mais o paralelismo aos ensinamentos escolásticos, limitados à especulações acerca de problemas teológicos e filosóficos. O estudo de artes e ciências tendia agora a servir em primeira linha à vida prá-

tica e assim eram estabelecidos os fundamentos aos estudos e às pesquisas modernas.

O problema central dos humanistas não era a exposição de um caso individual, mas a renovação da vida do sêr humano, sendo esta uma faceta em que os humanistas alemães insistiram talvez mais do que os próprios italianos. Não é assim de estranhar que exatamente nessa época se verifica a primeira onda de traduções clássicas para o alemão. A figura ideal, a incorporar tôdas as novas idéias, era a do chamado *poeta*. Este tinha de ser, ao mesmo tempo, um intelectual, um artista criador e um educador. Este *poeta* interpretava as obras clássicas e, como professor, ensinava aos seus discípulos um estilo latino lúcido e fluente. O latim da Idade Média passou a ser ridicularizado como o “latim de cozinha” ou o “latim dos monges” e chegou mesmo a ser proibido. Não se sabia que, na realidade era um idioma desenvolvido historicamente e que o mesmo, o *sermo vulgaris*, exercera parte importante na constituição da cultura européia. O autor, que desenvolvia suas obras de acôrdo com preceitos humanistas, escrevia seus trabalhos na língua elegante de um Sêneca ou um Cícero a qual, sem que êle o soubesse, nada mais era que uma ficção. Neste idioma os seus trabalhos eram entregues aos tipógrafos que exerciam a nova arte, inventada por Johannes Gutenberg, de Mogúncia, por volta de 1445. Publicavam-se nas tipografias, que rapidamente se expandiam e cuja produção era muito superior ao que comumente se julga (assim Estrasburgo, que conheceu a imprensa a partir de 1460; Colônia, onde ela foi introduzida em 1465; Augsburgo, onde surgiu em 1468; Basiléia, a partir de 1470; Roma e Veneza, em 1467 e 1469 respectivamente e Paris, em 1470, são cidades cujas tipografias chegaram a uma publicação de mil obras diferentes antes de 1500), e os trabalhos eram ilustrados por artistas de fama e comprados pelos cidadãos mais importantes, que tinham o dinheiro para os adquirir e a capacidade e formação para apreciá-los devidamente. O poeta latinizava ou helenizava muitas vêzes o seu nome, passando um Fischer a Piscator, um Schmidt a Faber, um Neumann a Neander e um Schwarzert a Melanchthon (gr) e considerava-se descendente intelectual direto dos clássicos. Cidades da Alemanha meridional, tais como Basiléia, Heidelberg, Estrasburgo, Mogúncia e Frankfurt receberam os missionários itinerantes dêsse nôvo movimento de braços abertos. Mas em Colônia tiveram êles de enfrentar a primeira oposição organizada pelos adeptos da escolástica tradicional. Johannes Pfefferkorn, um cristão-nôvo, e seus aliados dominicanos haviam exigido que todos os livros judeus fôssem destruídos, proposta contra a qual se insurgiu o humanista Johannes Reuchlin (1455 a 1522), por motivos de tolerância religiosa. Este Reuchlin é um dos autores principais do humanismo alemão (ao lado de Erasmo), introdutor dos dramas didáticos mo-

dernos, primeiro pesquisador alemão do hebráico antigo (*De rudimentis hebraicis*, 1506). Verdadeira batalha travou-se entre as duas importantes correntes de pensamento, a que representavam a linha tradicional, ultrapassada e decadente, e o nôvo credo humanista e civilisatório. De 1515 a 1517 foram publicadas em duas coletâneas as chamadas *Dunkelmännerbrieje*, as *Epistolae obscurorum virorum*, em que os opositores de Reuchlin são ironizados como atrasados, mentalmente retardados e confusos. Acresce que as cartas são atribuídas fingidamente aos próprios dominicanos. Um dos autores conhecidos dessas cartas era Ulrich vom Hutten, importante e combativo humanista, que mais tarde descreveria com minúcias essas disputas. De fato eram uma resposta pretensa àquêles humanistas que em 1514 haviam publicado os *Clarorum virorum epistolae*, mas procedendo dos mesmo círculos, apenas servia para reforçar a posição de Reuchlin e seus amigos, que ganhavam sempre maior apôio entre a opinião pública, pela qual os representantes da escolástica de então eram vistos como charlatães, estúpidos e hipócritas. Especialmente os estudantes passaram a filiar-se ao movimento humanista, que assim ganhavam grande dimensões, mesmo na Suábia e Bavária, até então bastiões-fortes contra as “novas idéias”.

Durante o domínio do humanismo nas Universidades da Alemanha, tanto as ciências quanto a literatura conseguiram chegar a novas e inesperadas alturas. E muitas vêzes através dos mesmos expoentes. Assim Erasmo de Rotterdam, que de fato conquistara já em vida fama internacional, ligou-se a várias Universidades, embora Basiléia fôsse o centro que durante mais tempo contasse com sua presença. Ele comentou o texto grego do Nôvo Testamento, pesquisando os manuscritos mais antigos, e dêsse texto derivou o seu conceito de um Cristianismo tolerante e generoso. A tradução da Bíblia de Lutero teria sido impossível sem êsse trabalho inicial de Erasmo. Da mesma maneira surgia como importante filólogo e escritor. Seu *Morias Encomion (Laus stultitiae)* (Elogio da Loucura), de 1509 é uma sátira engraçada, espirituosa, da preguiça mental. Desiderius Erasmus (Gerhard Gerhards) nasceu em Rotterdam em 1466 e faleceu em Basiléia em 1536. Combateu os excessos e abusos da Igreja, a exteriorização da religião (havia sido monge da Ordem de Santo Agostinho) e pretendeu renovar a religião, partindo de considerações ético-morais. (*Enchiridon militis christiani* — Manual do combatente cristão, 1502). Inicialmente simpatisara com o movimento da Reforma, mas dêle se distanciou quando percebeu que existia o perigo de separação total da Igreja Católica, à qual sempre permaneceu fiel. Exatamente por isso rompeu com Lutero e Hutten. Expôs suas idéias a respeito da livre vontade dos homens em seu *De liber arbitrio* e chegou a ocupar uma posição singular na Europa da época, encontrando-se entre os dois partidos litigantes.

Outros humanistas eram antes professôres e pedagogos do que filósofos ou filólogos, proclamando as idéias novas através de seu exemplo individual e não através de tratados teóricos. Wilibald Pirckheimer, já anteriormente mencionado, pertence a êsse grupo, exatamente como Conrad Peutinger e Jakob Wimpfeling. Mas o mais versátil de todos era Theophrastus Bombastus von Hohenheim (1494-1541), filósofo e médico, conhecido pelo pseudônimo de Paracelsus, capaz de imitar modelos romanos ou autores medievais de um modo que lhe garante uma posição única entre os humanistas. Foi o primeiro a pôr em causa a sabedoria da medicina medieval, encontrada nos livros latinos e que não mudara durante os séculos que se passaram. Paracelsus insistia no experimento científico e na observação pessoal. Exigia dos seus clientes um exame que poderíamos chamar de clínico e era, por isso mesmo, rejeitado pela população conservadora. Como filósofo, destacou-se por seu néo-platonismo e por estabelecer uma estrutura de especulações místicas em tôrno do enigma da vida. Os esforços literários dos humanistas resultaram em uma produção abundante de obras em latim. Não se tratava, porém, para Paracelsus de imitar modelos romanos ou autores medievais de um modo geral, e assim escreveu algumas obras de fascinante originalidade. Entretanto, é verdade que a barreira da língua latina impediu que suas obras exercessem um efeito imediato sôbre o número cada vez crescente de leigos que se interessavam por problemas culturais e artísticos, se bem que, por outro lado, não há negar que a prosa dos humanistas ressaltava a lucidez e elegância, pelo espírito e graça, desconhecidos até então. Entre os seus representantes mais destacados conta-se também o professor Heinrich Bebel, da Universidade de Tubinga, cujos *Facetiae* (1509 a 1512) descreviam as condições rurais de sua região natal. Além dêle não devemos deixar de mencionar aqui mais uma vez o cavaleiro Ulrich von Hutten (1488-1523), que escreveu diálogos vivos, à maneira de Lucianus. Hutten era realmente um dos pouquíssimos aristocratas de velha estirpe a alinhar-se entre os humanistas e como que continuou a batalha de Walther von der Vogelweide (falecido por volta de 1228) contra a imposição do Papa e de tôda a Igreja. E' de ressaltar-se que Ulrich von Hutten utilizou-se do idioma alemão para externar os seus pensamentos, pelo menos na fase mais combativa de sua breve existência. Assim escreveu o seu *Gesprächbüchlein*, o "Livrinho de Diálogos", com o qual tentou eliminar o abismo, existente entre os humanistas e os reformistas religiosos, mas vale a pena lembrar que seus esforços nêsse sentido foram tão mal sucedidos como os de outros intelectuais da época.

A poesia lírica da época revestiu-se de méritos mais expressivos. Ela encontrou um ponto de partida muito favorável em tradição rica e valiosa, que exigia certa aptidão estilística; nêsse campo os

modelos italianos contemporâneos só serviam para acrescentar alguns traços. Na Alemanha exerceu-se verdadeiro treinamento nesse gênero, porém em língua latina, e o nível geral da poesia nesse idioma era muito mais elevado do que o da poesia contemporânea alemã. Tôdas as formas líricas eram tratadas e exercitadas. Publicam-se odes e elegias, éclogas e epigramas em estarrecedora variedade de ritmos e metros. Surgiu o costume, conservado até inícios do século passado, de se dirigir em poemas aos amigos, amantes e parentes, e de assim comemorar tôda a sorte de casamentos, batismos e outras festividades, assim como chorar os mortos e as derrotas. Sentimentos antes raramente expressos chegaram a ser externados por um número de poetas humanistas, que davam liberdade a seus anseios eróticos. Os poemas amorosos da época, pelo menos na Alemanha, seguiam ainda os costumes da sociedade cavalheiresca ou expressava reflexões profundas e sóbrias sôbre as alegrias e vantagens do casamento. Mas alguns dos poetas humanistas já consideravam o amor de uma forma mais independente, sem temer a sensualidade ou a descrição de perfeição físicas. O mais ousado entre êsses poetas era o holandês Jan Everaerts († 1536), que escrevia sob o pseudônimo de Joannes Secundus. Na própria Alemanha, o mencionado Konrad Celtis († 1508) escreveu os seus poemas amorosos, sob o título *Amores*, verdadeira homenagem à volúpia. Outros poetas néo-latinos, isto é, poetas líricos de nacionalidade alemã, que escreviam nêsse idioma, expressavam um sentimento pessoal pela natureza, ou redigiam poemas descritivos, em que se comemoravam viagens, realizadas na própria Alemanha, e dirigidas às cidades mais importantes. Êsses poemas revestiam-se, muitas vêzes, de propósito didático. Alguns, e os mais ambiciosos dentre êles, tentaram mesmo imitar ou ultrapassar o seu modêlo: Vergílio. Preocupavam-se em escrever poemas épicos, mas como não fôssem exatamente os mais engenhosos e nem o gênero o mais apreciado, pouco puderam realizar de positivo. Diferente, entretanto, a situação do drama. Era um gênero em que os humanistas tentaram exercer um efeito direto e imediato. Já mencionamos o grande esforço de modernização empreendido por Reuchlin e, de fato, pode dizer-se que o drama moderno, com algumas exceções pouco importantes, encontra as suas raízes na dramaturgia humanista, e não no drama religioso da Idade Média. Terêncio e Plauto, Aristófanes e Sêneca vinham de ser redescobertos pelos humanistas, e serviram de modêlo tanto temático quanto técnico ao teatro que ressurgia. Para os humanistas os temas não se limitavam a assuntos já indicados pela Bíblia, mas temas da vida tôda e a respeito de especulações várias eram levados à cena. Reuchlin e Celtis pertenceram aos mestres desta nova forma. Nicodemus Frischlin ainda a utilizava em fins do século dezesseis, e o teatro humanista se conserva até a época barroca, como a forma dramática predominante.

O teatro renascentista italiano e francês descobrira o mundo terreno, abriu-o aos sentidos dos contemporâneos, festejou-o como uma ordem existente, ao mesmo tempo bela e razoável. O teatro humanista alemão procurou colocar a especulação neste mundo, que de resto conservava os seus traços essenciais. Na passagem para a próxima fase, e também em virtude da Reforma que atingira parte considerável do território de língua alemã, o brilho do mundo resplandescente empalidece, seus atrativos perdem o interesse. Uma nova "sobriedade" toma conta dos homens e, acompanhando-a, volta-se a sentir o ceticismo e a melancolia. Esses novos sentimentos, registrâmo-los como prenúncios de convulsões mais profundas que, entretanto, já não pertencem à época que aqui temos a considerar. Vale registrar apenas, no limite das épocas, em fins do século dezesseis e em inícios do século dezessete, quando a guerra dos Trinta Anos está a despontar e quando já se fazem sentir os primeiros prenúncios da peste, o aparecimento de missionários, de ascetas magros com olhos febris que, com voz aguda, proclamam em tôdas as regiões da Alemanha o seu *Memento mori!* Volta a pressentir-se a erupção de um pessimismo anti-mundano e anti-sensual, de um abismo a separar o Renascimento da época barroca. O clamor passa a revalorizar novamente a vida dos mosteiros, daqueles mosteiros cujas portas foram abertas por Lutero e sua espôsa, mas se aqui para eles voltamos os olhares, então porque ali, pelo menos na parte católica da Alemanha, se mantém viva e se cultiva a chama do teatro. São exatamente as ordens religiosas e as côrte episcopais que financiam e mantêm os palcos mais florescentes e são êles que abrem nova dimensão ao teatro. No início do renascimento o teatro se restringia ao palco situado ao nível dos espectadores. Também o classicismo francês (contemporâneo do humanismo alemão) faz uso do palco "térreo". Mas o teatro da época passa a estender-se em direção vertical. Utiliza o espaço acima do palco e aparecem os deuses pagãos com seus meios mitológicos de transporte, através dos quais são reconhecidos pelo público: *Júpiter* cavalga em águia ou em nuvens; *Juno* é puxada por pavões, *Venus* por cisnes, *Hélios* por cavalos. *Mercúrio* utiliza seus sapatos alados, *Fortuna* uma esfera ou uma roda e, dependendo das circunstâncias, todo o *Olimpo* pode aparecer acima do palco, sob a chefia de *Júpiter*, ou o *Parnaso*, com *Apolo* e as nove *Musas*. Assim procurava-se oferecer uma verdadeira festa aos olhos, misturar a *Comoedia divina* com uma *Comoedia humana* e apresentar uma imagem ideal do mundo, misturado com um sonho pesado, que — como dissemos — prenuncia a época do barroco, o momento do exagêro de formas e festas, de guerras, mortes e epidemias. Mas, e isto é a observação mais importante, a existência real e as preocupações culturais haviam obtido ingresso no teatro da época, desalojando as representações místicas medievais, os milagres e os misté-

rios. Nesse teatro humanista, o povo começa a participar das conquistas culturais. Vemos assim uma das distinções entre êsse movimento e o Renascimento em geral, cuja elite cultural se segregava do povo e se preocupava em produzir trabalhos exclusivos. A transformação surge no âmbito de um processo curioso: o idioma da cultura eclesiástica medieval era o latim, porque a Igreja se sentia ligada à civilização romana por motivos de continuidade e de estrutura orgânica. Os autores renascentistas e humanistas escreviam em latim, porque desejavam interromper a ligação com as tendências culturais regionais, expressas nos idiomas populares, almejando chegar a proteção desta nova classe, que assim passa a exercer uma influência das mais diversas tendências, os estudantes e intelectuais jovens, sob a proteção desta nova classe, que assim passa a exercer uma influência não apenas cada vez mais profunda, mas também sempre mais ampla, dando origem a um público interessado em produções artísticas e culturais, que viria a ser, por sua vez, o ponto de partida da cultura e a preocupar-se com a elevação do nível de conhecimentos quele primeiro grupo a, nos séculos seguintes incumbir-se da difusão da média populacional.

E' possível, contudo, que êsse traço seja especificamente alemão, o que me traz, no fim dessa palestra, de volta ao meu argumento inicial: não houve na Alemanha uma manifestação cultural realmente renascentista. O que ali se desenvolveu, seja por empréstimo, seja por adaptação da Itália, corre em trilhos diferentes, o que Fritz Strich, invulgar intérprete dos movimentos espirituais alemães, resume muito bem ao dizer, na sua análise da figura do *Fausto*:

“É um espírito exigente, cujo ideal é exatamente atingir aquilo que a natureza não lhe conferiu espontaneamente. Ele não possui a compreensão natural da beleza, tal como existente entre os Antigos e seus herdeiros mediterrâneos. Assim surge a profunda distinção entre o Renascimento alemão e o italiano. Se o renascimento faz, na Itália, re-nascer a Antigüidade, verifica-se isto de acôrdo com a propriedade de um mesmo sangue, de conformidade com a mesma natureza, da qual surgira a cultura antiga e da contemplação sempre viva da arte antiga, existente em inúmeros monumentos em tôda a península. Assim, pode falar-se realmente de um Renascimento nacional. Na Alemanha, entretanto, não pôde surgir de acôrdo com os mesmos pressupostos. Aqui constituiu um feito nacional de uma classe específica, que demandava a regiões novas, ignotas, a serem descobertas por meio de especulações filosóficas, típicas do espírito fáustico alemão. Não era, portanto, um renascimento da própria natureza nacional, mas sim um nascimento, verificado pelo anseio por Helena, símbolo da beleza antiga.”

Eis a dificuldade com que nos deparamos ao desenvolver o presente trabalho, devendo acrescentar ainda que esse movimento alemão, pela própria diversificação, correspondente por sua vez aos muitos caminhos que abriu para chegar a Roma, não é reduzível a uma única expressão, motivo pelo qual tivemos a restringir-nos aqui a apenas algumas das suas facetas.